

## A RELAÇÃO HOMEM-TERRA NA OBRA “OS MAGROS” DE EUCLIDES NETO

**Liz Maria Teles de Sá Almeida**

Membro do NUPHEC - Núcleo de pesquisa em Humanidades, Educação e Ciências do IFBA.  
Profª. De Língua Portuguesa do IFBA, campus Paulo Afonso.  
Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB).  
E-mail: lizpitanga@gmail.com

**Silvana Correia**

Membro do NUPHEC - Núcleo de pesquisa em Humanidades, Educação e Ciências do IFBA.  
Profª Mª. Do IFBA, campus Euclides da Cunha.  
Doutoranda do PPGG/UFPB.  
E-mail: silvanageoufpb@yahoo.com.br

### RESUMO

São vários os caminhos para trilhar na literatura euclidiana, neste trabalho optou-se por partir da investigação da relação entre o homem e a terra a fim de compreender na narrativa ficcional “Os magros” de que modo os elementos telúricos presentes na obra refletem a condição de um sujeito que sobrevive da mesma terra que o aniquila, num jogo paradoxal que se torna perceptível no texto literário. Para tanto, fez-se necessário uma imersão pela geografia para que algumas questões conceituais apoiassem o debate aqui pretendido em torno das noções de “espaço”, “lugar”, “paisagem” e “território”; o referido campo disciplinar também esclarece acerca dos aspectos políticos ligados à terra e aos conflitos em decorrência da luta pela posse da terra no país.

**Palavras-chave:** Homem. Terra. Literatura. Geografia. Euclides Neto.

### ABSTRACT

There are several paths to follow in Euclidean literature. In this work, it was opted to follow from the investigation of the relation between man and land in order to understand in the story “*Os Magros*” how telluric elements that are present in the work may reflect the condition of a person who survives through the same and that annihilates him, in a paradoxical game that becomes noticeable in the literary text. For this, it was necessary to immerse into geography for that some conceptual questions could base the debate that is intended here in which concerns the ideas of “space”, “place”, “scenery” and “territory”; This knowledge field also clarifies the political aspects related to the land and to the conflicts originated from the fight for land possession in the country.

**Keywords:** Man. Land. Literature. Geography.

## INTRODUÇÃO

Um sistema político ditatorial consegue silenciar violentamente vozes que se opõem ao discurso opressor, entretanto, em meio ao silêncio, sempre escapam as denúncias daqueles que travestem suas indignações sob forma de arte a fim de cravar na história as memórias dos que (sobre) viveram num sistema desigual que alimentou e alimenta uma discrepância social cada vez mais díspar.

A Bahia da década de 1960, em plena ditadura militar, foi cenário para a militância de um escritor em formação que não emudeceu diante da realidade queurgia no contexto sul baiano das roças de cacau. Euclides Neto (1925-2000) ajuda a compor a *Era Cacaueira* por meio de suas narrativas pungentes, com a propriedade de quem dissertava acerca de uma realidade que conhecia de perto.

O contexto cacaueiro de 1960, o espaço das roças de cacau, os arredores<sup>1</sup> e os conflitos políticos não conseguiram passar despercebidos na produção literária euclidiana ao compor o retrato do sul da Bahia. De tal modo é precisa e necessária sua composição, que Eliezer Cesar (2014) denominou o conjunto de sua obra de “Tetralogia dos excluídos”. Não por acaso, tal qual o também baiano Castro Alves, Euclides enxerga como o condor e consegue perceber por baixo da imensidão dos latifúndios que formavam as plantações de cacau, homens e mulheres, imperceptíveis em seus grupos sociais, mas que se consolidam como protagonistas daquela macro história e de suas próprias narrativas.

### 1 O REGIONALISMO DE EUCLIDES NETO

A tendência regionalista iniciada no Brasil no século XIX encarregou-se de desvendar o país num movimento que parte do interior para os centros urbanos, revelando a constituição do povo brasileiro num projeto de construção da identidade nacional. No projeto nacionalista da literatura romântica houve espaço para desvendar o homem do interior, o território e o espaço geográfico brasileiro, assim como manifestar comportamentos e ações culturais. Cronologicamente, é quando a literatura põe em evidência tipos sociais a fim de caracterizar esta identificação. Entretanto, ao longo dos anos, a tendência regionalista destaca elementos que ora iluminaram as questões do homem ao seu tempo; ora evidenciaram os dados que compõem os tipos sociais mencionados.

---

1 Municípios adjacentes que compõem a narrativa no período cacaueiro.

Sobre esta tendência, Tristão de Ataíde (1996, p.1039) ponderou que “o regionalismo é a predominância da terra sobre o homem; da nação sobre o continente; da aldeia sobre a nação”, nesta perspectiva parece caminhar o romance “Os magros”. Euclides Neto, advogado, político, militante das questões sociais, escolhe a escrita criativa para refletir criticamente a situação do interior do país. Como advogado, defendeu o povo pobre e os camponeses; na condição de prefeito promoveu a primeira experiência de reforma agrária do país; incansável na defesa da gente simples e mais necessitada das roças de cacau e arredores, dono de uma bio/biblio/grafia coerente com suas preocupações ideológicas.

A atuação política de Euclides Neto não se limitou apenas ao período em que cursou direito na Universidade Federal da Bahia. Advogado formado, assumiu como prefeito da cidade de Ipiatú (Bahia) no interstício 1963-1967. Como advogado, orgulhava-se de nunca ter defendido um fazendeiro, empenhava-se em amparar o homem pobre, o trabalhador rural. Durante sua administração, promoveu a primeira experiência de reforma agrária no país, esse feito lhe garantiu posteriormente um convite para assumir a Secretária de Reforma Agrária na gestão do governador Waldir Pires, e durante o seu mandato como prefeito, rendeu-lhe a interferência do governo militar durante sua gestão administrativa. Foi perseguido politicamente pelo regime e precisou responder inquérito militar concluído no ano de 1964.

O empenho de Euclides Neto em promover a reforma agrária revelou-se pela necessidade, enquanto gestor público, de praticar uma experiência socialista em que as questões que costumava defender saíssem dos debates academicistas e passassem a ser experimentadas na realidade do município que ora se encontrava como prefeito. Com relação à posse de terras, até que a experiência de Euclides se concretizasse, sempre fora primazia de poucas famílias detentoras de grandes latifúndios, muitos deles serviam à monocultura sob a forma de cultivo de cacau. Por décadas, o sul da Bahia foi palco de uma ocupação desigual, na qual as poucas famílias que detinham a maior parte das terras e que também oscilavam nos espaços de poder, ocupando principais cargos públicos nos municípios –, abrigavam, em regime análogo à escravidão, centenas de famílias de trabalhadores que sobreviviam em condições indignas de trabalho em troca, muitas vezes, apenas de um abrigo ignóbil nas terras daqueles. Ao lado desses últimos que Euclides Neto escolheu estar, como advogado e como político atento às questões sociais.

A história política de ocupação dos espaços urbanos no contexto do sul da Bahia sempre foi marcada por episódios de muito conflito e violência. Diversos escritores já se debruçaram a

tratar destes assuntos e de temas relacionados ao conflito de terras, a concentração latifundiária e a violência no campo em suas obras, haja vistas para Jorge Amado e seus romances “Cacau” (1934), “Seara Vermelha” (1946), “Terras do sem-fim” (1987); Adonias Filho e a obra “Corpo vivo” (1962). Na perspectiva de compreender de que modo se desenvolve a dialógica relação entre o homem e a terra, Euclides Neto propõe a emblemática obra “Os magros” que o coloca no mesmo patamar de relevância de escritores como Graciliano Ramos, que influencia diretamente no texto que ora analisamos. Graciliano canta o flagelado do sertão tal qual Euclides narra a degradação humana do homem sul baiano.

## 2 DA NARRATIVA “OS MAGROS”

“*Os magros*” retrata a vida de duas famílias, a primeira é a de João, com sua esposa e mais oito filhos, viviam em uma casa simples e apertada nas proximidades da propriedade em que trabalhava no sul da Bahia. Era muito pobre. Apesar da árdua luta diária do patriarca nas roças de cacau, a família mal tinha o que comer. João era funcionário de Dr. Jorge; todavia, pouco o encontrava, pois, a história se passa no momento em que os donos da fazenda residiam em Salvador e apenas administravam os lucros das roças de cacau que ficavam sobre os cuidados de um gerente (capataz). A segunda família tratada por Euclides é a de Dr. Jorge, advogado, proprietário da fazenda, que mora com a mulher D. Helena e alguns empregados em uma luxuosa residência na capital baiana.

Por meio da técnica do contraponto, Euclides nos apresenta a história dessas duas famílias, que tinham uma relação de subordinação necessária (João é funcionário de Jorge e um dos responsáveis pela sua riqueza) e viviam realidades adversas. São duas histórias paralelas em uma mesma narrativa. Ao utilizar essa técnica de separação da sua narrativa em duas histórias que se alternam e se completam, Euclides deixa transparecer algo de sua ideologia. Retira de sua formação marxista, que o influenciou para além da literatura, a ideia de uma sociedade dividida em classes.

No espaço de divisão social criado pelo escritor grapiúna está Dr. Jorge, de família rica, opulenta, que vive da riqueza adquirida a partir da exploração do trabalhador em suas roças de cacau; do outro lado, temos a narrativa da família de João, trabalhador do campo que luta para sobreviver no terreno da exploração, o mesmo de onde advém a riqueza da já apresentada personagem, Jorge. É sobre o núcleo familiar de João que concentraremos nossa análise neste trabalho. Para

tanto, torna-se imprescindível transitar por alguns conceitos no campo da geografia que trarão luz à compreensão da relação entre o homem e a terra na narrativa “Os magros”.

### **3 DAS CATEGORIAS E CONCEITOS DA GEOGRAFIA PARA ELUCIDAR NOÇÕES CONFLITANTES DA RELAÇÃO HOMEM-TERRA**

A Geografia desde a sua sistematização enquanto ciência, no final do século XIX, se posicionou na interface das ciências biológicas, da terra e humanas. Por essa razão, desde o seu princípio apresenta dificuldade em definir o seu objeto de estudo por reunir em suas análises muitos conceitos e objetos (de investigação) que são comuns a outras ciências do conhecimento, tais como: a sociologia, a biologia, a história, a economia, além de outras. Assim, ela se consolidou como a ciência de síntese que estuda as relações entre o homem e o meio através do estudo do espaço geográfico.

Neste contexto, a geografia se diferenciou e se contrapôs às ciências supracitadas, que diante de seus caminhos teóricos e metodológicos, foram individualizadas em ciências naturais, sociais ou humanas. Então, compreendemos, em conformidade com Suertegaray (2001), que este paradoxo do princípio constitui-se como um privilégio de hoje, pois na medida em que a racionalidade das ciências modernas foi se constituindo, houve a disjunção, a separação e a compartimentação do conhecimento entre as ciências naturais, sociais e humanas.

E, contudo, diante de toda dificuldade teórico-metodológica, coube a Geografia se consolidar como uma ciência humana mesmo estando na intersecção entre as ciências naturais e sociais. Portanto, isso para os geógrafos contemporâneos ergueu-se como privilégio, pois para ser considerada como um campo científico em 1890, a Geografia teve que construir e delimitar seus conceitos (e suas categorias) próprios para formar um conhecimento científico que abrangesse os aspectos da natureza e da sociedade em sua totalidade.

Neste sentido, concordamos com Santos (1978) quando afirma que o ato de definir o objeto de estudo de uma ciência é ao mesmo tempo o ato de definir suas categorias analíticas as quais reproduzem a totalidade dos processos. O espaço geográfico, por exemplo, é o objeto de estudo da Geografia, ele não é algo dado e acabado, mas algo dinâmico, determinado historicamente como um produto da ação do homem sobre a natureza e das relações que se estabelecem

entre os homens por meio do processo de trabalho ao longo do tempo histórico (MOREIRA, 2007). Assim, concebemos o espaço, segundo Milton Santos (2008), como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não consideradas isoladamente, mas como um quadro único onde a história se dá” (p. 51). Então, o espaço se configura como uma totalidade, isto é, como um conjunto absoluto das partes em relação mútua. Ele é a expressão da sociedade que o organiza e que se configura através de um determinado modo de produção.

A partir do conceito de espaço geográfico, a Geografia teve que definir e conceituar as suas categorias analíticas (operacionais), pois é por meio delas que são realizadas as múltiplas leituras do espaço, a saber: **paisagem**, território, lugar e região. Santos (2008) conceitua paisagem como o domínio do visível, ou seja, para ele “(...) tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons” (p.41). Para Suertegaray (2001), a paisagem é um conceito operacional da Geografia que ajuda a analisar o espaço geográfico em suas múltiplas dimensões: sociais, culturais, políticas e econômicas. Nessa concepção, o conceito de espaço privilegia a coexistência de objetos e ações (sociais e políticas) na sua face econômica e cultural manifesta.

**O território** é caracterizado a partir de relações de poder, ou seja, é um espaço no qual se projetou um trabalho, e, conseqüentemente, revela relações marcadas pelo poder. “O território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolvem, se inscreve num campo de poder” (RAFFESTIN, 1993, p.144). Neste sentido, em consonância com Santos (2008), compreendemos que territórios são, no fundo, relações sociais projetadas no espaço. O conceito de território deve ser visto por todas as ciências sociais como a expressão da ocupação do espaço pelo homem, considerando a dimensão espacial. Porém, cada ciência social concebe o território sob diferentes prismas: a Geografia dá ênfase à materialidade do território através da relação do homem com a natureza, a Ciência Política enfatiza suas diferentes concepções de poder no plano político, a Antropologia privilegia a sua dimensão simbólica no plano cultural. Apenas Rogério Haesbaert (2004), geógrafo marxista, agrupou as concepções de território em três vertentes: a) a política que enfatiza as relações de poder de forma geral, b) a cultural que prioriza a dimensão simbólica e subjetiva do fenômeno, c) a econômica que enfatiza a relação capital/ trabalho, e d) a naturalista que concebe o território como resultante da transposição da ordem animal para a organização espacial humana.

O conceito de **lugar** deve ser compreendido para além do significado de localização geográfica, pois como assevera Santos (2008) o lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta por meio da vida cotidiana das pessoas, que por sua vez, se manifestam através da rotina de trabalho, além de outros elementos que caracterizam a base da vida comum. O lugar pode ser trabalhado também através da perspectiva de um mundo vivido, que leva em consideração outras dimensões do espaço geográfico, como os objetos, as ações, a técnica e o tempo.

Acrescentamos ainda o conceito de **região** que na Geografia crítica, marxista, “o conceito de região tem sido largamente empregado para fins de ação e controle. Mais precisamente, no decorrer da prática política e econômica de uma sociedade de classes” (CORREIA, 1987, p. 47). Em outras palavras, geralmente, utiliza-se o conceito de região como a diferenciação de área com o objetivo de manter o controle “(...) territórios militarmente conquistados ou sob a dependência político-administrativa e econômica de uma classe dominante” (p. 47).

Faz-se necessário a revisão desses conceitos pelos quais se debruçaram geógrafos e pesquisadores ao longo da história, para compreendermos as relações de poder que se estabelece na luta pela terra, assim como a relação de pertencimento que se pretende evidenciar neste trabalho entre o homem e a terra a partir da narrativa euclidiana.

#### 4 A RELAÇÃO HOMEM-TERRA EM “OS MAGROS”

A despeito dos símbolos que o vocábulo “terra” pode significar na bio/geografia de Euclides Neto, em sua obra, o sintagma contribui para percebermos que a sua significação dependerá do contexto em que o mesmo estiver inserido, em razão desse termo expressar as relações de poder vigentes. As duas famílias representadas consolidam uma mesma história, ainda que suas narrativas sejam apresentadas alternadamente, a partir da técnica do contraponto. Esta estratégia dialética encerra, como bem observou o escritor Vitor Hugo Martins (2014) ao prefaciá-la a última edição da obra em questão, que o autor Euclides Neto

por aí soube, dialeticamente (e não maniqueisticamente), representar a riqueza, o excesso dos magros – pelo caráter e pela ética, e ainda pela fertilidade de Isabel -, assim como a pobreza, a escassez dos gordos – pelo desamor, pela neurose/psicose do casal, Dr. Jorge/Dona Helena, e pela infertilidade desta.

As duas histórias não se cruzam, embora saibamos que a terra, se constitui, pois, no elemento que vincula estas duas famílias, seja pela posse, como é o caso do proprietário da fazenda Fartura, Dr. Jorge; seja pela forma de apropriação e/ou sobrevivência deste recurso, como é o caso da família de João. Entendamos, como se consolida esta relação a partir dos seus influxos internos.

#### **4.1 Terra:** da fixidez da acomodação ao alimento daninho

Nos primórdios da história da literatura brasileira, a ideia de celebração com exagero da terra sob forma de cor local, na qual empenhavam-se os escritores regionalistas do século XIX para apresentar a nação por meio do seu exuberante território e vegetação, encontrou no movimento romântico o respaldo necessário para sintetizar o regionalismo de outrora num propósito primeiro de valorização da pátria. De acordo com Antônio Cândido (2011, p.170),

A ideia de pátria se vinculava estritamente à de natureza e em parte extraía dela sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão do otimismo social.

Cândido (2011) aponta que tal associação “terra bela – pátria grande” evidenciaria, hora ou outra, a consciência de subdesenvolvimento, posto que, por conseguinte, se percebeu a realidade de “solos pobres, técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante”. E, se tais imagens conflitavam com o cenário idílico construído pelo escritor romântico, e para esse não serviam, serão sobre as mesmas que se debruçarão outros escritores regionalistas modernos e contemporâneos numa perspectiva denunciante dos problemas sociais que incidiram na terra, sobre a terra e em função das lutas pela apropriação da terra. Vejamos o *modus operandi* do escritor Euclides Neto com esta temática.

A cena inaugural da obra, “Os magros”, escolhe a família de magros e descreve a forma desumana com que existem aquele homem, sua esposa e seus oito filhos. A família vive num casebre inóspito erguido no território da fazenda que paradoxalmente a esta realidade recebe o nome de *Fartura*, de propriedade do fazendeiro Jorge. Fixar acampamento na terra é condição para conseguir trabalho na lavoura, mesmo porque a família de João, devido a sua pobreza, não tinha propriedade.

A referida cena simula o fim da migração do homem do campo que costumava fixar-se no local que conseguia trabalho. Não era possível, pois, para este sujeito desvincular-se desta relação, que se estabelecia para ele como condição, entre terra – que representa moradia –, e terra – que

se configura como o lócus da prática laboral. A literatura produzida por Euclides Neto na década de 1960 reflete, não obstante, a realidade do trabalhador que diante da precariedade da existência nos centros urbanos no sul da Bahia, buscava existir sobre estas condições impostas pelos grandes latifundiários ao homem do campo. Segundo Dardel (1990), “a situação de um homem supõe um espaço de onde ele se move; um conjunto de relações e de troca; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 1990, pág. 19 *apud* HOLZER, 1998, p.68), isso explicaria o porquê de nos voltarmos para pensar as relações que este homem estabelece ao se fixar nesta terra, com a própria terra e o com entorno. Essa submersão no lugar de sobrevivência de uma família rural, por meio da ficção, é que nos possibilitará compreender os conflitos iminentes do homem na sua relação com a terra originada no espaço físico e na subjetividade conflitante daquelas personagens.

Com uma família numerosa composta por oito filhos, João resigna-se em esconder este número do encarregado<sup>2</sup> para garantir a estadia e o início da relação de trabalho. A relação servil, que se estabelecia a partir da fixação do trabalhador à terra, extrapolava a relação de trabalho, uma vez que o administrador da fazenda sentia-se livre para interferir em questões pessoais que acreditava atrapalhar o desempenho e a produção do trabalhador. Com relação a esta migração em busca de terra para plantar e para morar que há muito aflige o trabalhador brasileiro, o geógrafo Milton Santos (2007, p.60) considera que há uma forma de compreender este movimento sob um ponto de vista humano que seria o da ausência de direito a um entorno permanente:

Cada vez mais no Brasil, as pessoas mudam de lugar ao longo da sua existência; o número dos que vivem fora do lugar onde nasceram aumenta de ano para ano, de um recenseamento para outro. Condenar os indivíduos à imobilidade seria igualmente injusto. Mas as migrações brasileiras, vistas pelo ângulo da sua causa, são verdadeiras migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado encontra qualquer contrapeso nos direitos do cidadão. São, frequentemente, também migrações ligadas ao consumo e a inacessibilidade a bens e serviços essenciais. (SANTOS, 2007, p.60)

Admitir que o trabalhador residisse nas terras próximas à propriedade criava um vínculo servil que dificultava a administração das relações que ora se confundiam, tanto pelo capataz, quanto pelo trabalhador. Por vezes, o trabalhador irrefletidamente acreditava que deveria gratidão ao proprietário por passar a ter uma moradia, ainda que nas condições descritas abaixo, de acordo com a narrativa:

---

<sup>2</sup> Também conhecido como capataz é uma espécie de gerente responsável por administrar a Fazenda, representa a voz e a força do dono na terra

Oito meninos, abaixo dos doze anos, amontoavam-se pelo chão forrado com esteiras esfiapadas. Estavam quase nus. Encolhidos, tinham os joelhos perto do queixo. As mãos procuravam quentura entre as pernas. Com o movimento do pai, mexeram-se na semiescuridão. Os menores choravam ou grunhiam. Dois batiam os dentes. Outro disse um palavrão. Havia cheiro de terra molhada e urina. (EUCLIDES NETO, 2014, p.17)

Dentre as diversas conotações que o elemento terra receberá ao longo da obra, no excerto acima é possível caracterizar um modo culturalmente empregado por povos interioranos de confirmar a ocorrência da chuva enquanto fenômeno da natureza que produz tal efeito. A empiria é estabelecida a partir da relação entre o homem do campo e a natureza, e na percepção do fenômeno se constituem certezas. No cheiro da terra molhada há a evidência da chuva. Da observação da terra é possível depreender sobre fatores climatológicos.

Outro fator importante de ser observado no fragmento, está relacionado às condições sub-humanas que a família se submete naquele casebre. A condição de flagelo é de tal forma evidenciada, que provoca a desumanização daqueles sujeitos. As crianças não choravam, mas “grunhiam” como bichos naquele cômodo frio, úmido e escuro.

Ainda no mesmo capítulo, o mesmo pedaço de terra, que exalava cheiros sugerindo chuva, serviu de palco para o castigo sofrido pelo caçula da família após ter chorado de forma inconveniente e, por esta razão, foi punido sendo obrigado a ficar em pé no pedaço de chão molhado.

De tanto comer terra para enganar a fome, as crianças de João viviam moribundas, suas feições eram frágeis e doentias. O caçula que fora penalizado por seu choro era descrito da seguinte forma pelo narrador: “A cabeça pendia, ora para um, ora para outro lado como boneco que perdeu a borracha. Era um meninozinho terroso, todo ossos, olhão de bicho doente” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 18). A terra aparece nesta passagem como adjetivo sinônimo de inosso, pálido, insípido, doentio, que qualificam imediato sem necessidade de maiores adjetivações para que o leitor compreenda o estado da criança diante do quadro de fome, desnutrição e maus cuidados.

Se para João até então, “terra” era palavra de sentido aproximado a flagelo; para Jorge, proprietário da Fazenda *Fartura*, “terra” era sinônimo de lucro, riqueza, fortuna, sintetizadas no nome da sua propriedade e na quantidade de hectares que acumulou por meio de herança familiar. Dr. Jorge gozava de uma riqueza hereditária que crescia a partir da mão de obra escrava, do trabalho infantil dos filhos de trabalhadores e seus familiares fixados em sua terra. Os centros

urbanos não comportavam essas famílias, não haviam, escolas, trabalho, condições mínimas para garantir uma alternativa diferente da condição imposta a que se encontravam aqueles trabalhadores. O geógrafo Milton Santos refletindo, duas décadas depois do tempo cronológico desenvolvido nesta narrativa, sobre cidadania do homem urbano e do campo, conclui que:

A cidadania que falta não é apenas urbana, mas também, e sobretudo, a cidadania rural, para a qual contribuem conjuntamente o mercado e o Estado. O homem do campo brasileiro, em sua grande maioria, está desarmado diante de uma economia cada vez mais modernizada, concentrada e desalmada, incapaz de se premunir contra as vacilações da natureza, de se armar para acompanhar os progressos técnicos e se defender contra oscilações dos preços externos e internos, e a ganância de intermediários. Esse homem do campo é menos titular de direitos que a maioria dos homens da cidade, já que os serviços públicos essenciais lhes são negados, sob a desculpa da carência de recursos para lhe fazer chegar saúde e educação, água e eletricidade, para não falar de tantos outros serviços essenciais.

(SANTOS, 2007, p.41-42)

Ainda que tratemos de uma obra ficcional, não se pode perder de vista que seu autor era um homem atento às questões de seu tempo, a ponto de suas narrativas estarem embrenhadas de realidade, dando a sua ficção um caráter de crônica. Em razão de sua militância ter se dado também por meio da sua escrita, vida e obra se confundem, o que nos possibilita analisar a condição do homem do campo e do homem urbano a partir da relação que ambos possuem com a terra, utilizando como ponto de partida a ficção.

A ponderação de Milton Santos é ilustrada pelas condições de vida e trabalho oferecidas ao trabalhador rural, João, na narrativa. Oprimido pelo desenvolvimento de novas tecnologias que otimizavam o trabalho nas lavouras do cacau, quando o mesmo mal conseguia juntar dinheiro para trocar seu instrumento, o facão, para melhor operar na colheita. Diariamente, era pressionado pelo intermediário Antônio, responsável por apená-lo, desde que descobrira que o trabalhador mentiu sobre o número de filhos que possuía. Segundo o gerente, as crianças por serem muito jovens e desnutridas não serviam para ajudar no trabalho na roça e ainda roubavam cacau da plantação para se alimentar ocasionalmente, gerando prejuízo para o fazendeiro. A esse, não interessa saber que João havia perdido sete dos quinze filhos que teve, por doença possivelmente gerada por subnutrição, e ainda contava com dois debilitados por falta de cuidados médicos, a saúde pública na cidade era precária e a hostilidade dos médicos que atuavam com os pacientes pobres também é objeto de denúncia na obra.

A dialética empregada na narração das duas histórias é gritante. Conforme já antecipou o escritor Vitor Hugo Martins (2014), sobram-lhes estúrdia, à família de fazendeiros o fausto da vida luxuosa na capital, empregando a fortuna em viagens, regalias, vaidades, falsos filhos, empregados; à família de trabalhadores sobram-lhes vergonha, por não garantir a alimentação diária; desmotivação, com as longas jornadas de trabalho com ferramentas inapropriadas; desespero, com a falta de assistência médica para tratar os filhos doentes. A terra e vegetação se apresentam mais salubres do que o homem que consumido naquele aprisionamento se aniquilava, via suas forças serem sucumbidas, tal qual descreve o narrador no fragmento: “A enxada cortava a terra fofa. O cacauero novo, de folhas viçosas, estava indiferente ao cansaço do homem. Cresceria ali exuberante e frondoso” (EUCLIDES NETO, 2014, p.27). A descrição ganha repulsa a medida em que contrasta com a autodescrição feita pela personagem João no mesmo capítulo, quando lamenta “–Vida dura, meu Deus. Vida de cachorro. Estou mais magro. Parece que os meninos estão aniquilando. Tudo magro. Você, Isabel, está uma cazumba. Esse menino termina virando assombração mesmo. Só tem osso”. (EUCLIDES NETO, 2014, p.28)

A aniquilação prenunciada pela personagem ocorre, sobretudo, em função da pobreza que aquela família estava submetida, o trabalho árduo nas roças de cacau garantia uma sobrevivência precária. No capítulo nove da obra, o narrador descreve o processo de adoecimento do filho caçula de João que fica moribundo após comer terra para preencher o vazio incômodo da fome. A terra, ainda neste capítulo, serve, para este narrador, de adjetivo na tentativa de caracterizar uma das crianças que ostentava um pedaço de tripa seca na “ração diária”, durante uma janta, para os demais irmãos, “Em seus dedos sujos, de unhas terrosas e afiadas, como garras, estava a prenda. Quatro centímetros de tripa torrada” (EUCLIDES NETO, 2014, p.35). Vale observar que a comparação estabelecida com as garras provoca uma espécie de zoomorfização da criança, que sem atendimento às necessidades básicas da infância, sobrevive na condição de um bicho. Tal condição faz com que aos poucos a família de João vá diminuindo, tão logo ele perderá este filho caçula, assim como já perdera outros cinco do mesmo mal.

No meio dos cacauais foi aberta uma vala na qual o corpo morto ficou depositado, corpo este que serviu de alimento para as plantas que surgiram frondosas, conforme relata o narrador, afirmando que daquelas plantas brotaram “frutos enormes”, “cheios de caroços”, que doutor Jorge venderia para aumentar sua já afortunada riqueza. Essa imagem se concebe como uma das mais impactantes da narrativa, posto que descreve a tragédia do flagelo humano que serve de adubo para a terra que gerará ainda mais riqueza para o explorador, numa lógica cruel cíclica na qual a pobreza e exploração extrema da família numerosa daqueles trabalhadores rurais cauciona a

profusão dos pequenos grupos de latifundiários, ou seja, um contexto social marcado pela distinção do valor da vida e pela dessemelhança entre o corpo do pobre e do rico.

Nesta narrativa, o corpo do pobre é um corpo feito para o trabalho, para a fuga e para os maus tratos, um corpo fincado obrigatoriamente à terra, por necessidade, inclusive, de sobrevivência. Ao passo que o corpo do rico aparece na narrativa como um manequim do luxo – montado a partir da exploração do corpo alheio–, não há vínculo afetivo, de ocupação ou permanência, a única relação desse corpo com a terra é de exploração desta para usufruto noutra lugar, tendo em vista que no tempo da narrativa era comum as famílias de fazendeiros viverem e criarem seus filhos na capital do estado, fato este que também é denunciado por Euclides Neto com as personagens que compõe o núcleo familiar do doutor Jorge.

O capítulo vinte e um da narrativa compõe um cenário dramático no qual o menino Aprígio é repreendido pela mãe, Isabel, por ter sido descoberto com os mesmos hábitos dos irmãos que faleceram, alimentando-se de terra, a única coisa que se tinha de abundância naquele contexto, e ainda assim não pertencia àquela família. Surrado pela mãe que julgava não ter outra forma de repreender e impedir que o menino comesse a terra, concomitante, a personagem João resignava-se em responsabilizar a terra por aquela aniquilação, quando refletia que a terra não tinha paciência, levaria todos os meninos para adubar o solo daquelas plantações de cacau. E comenta “quando meu pai tinha um pedaço de terra, tomaram à força. Agora, a sina triste dá terra, mas pra menino comer, ficar opado, fazendo assombração” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 82), denunciando uma prática comum no sul da Bahia de expropriação da terra, que ocorria de forma violenta e injusta. Muito latifúndio fora constituído assim, um trabalhador, amigo de João acrescenta, dizendo que “Da terra, pobre só tem direito de trabalhar para os outros. Se trabalha, labuta até morrer. Deus só faz terra para os ricos” (EUCLIDES NETO, 2014, p. 82)

O desfecho da narrativa ocorre após semanas de muito trabalho na roça, quando João consegue o dinheiro para comprar o facão novo e se dirige ao local para fazer a nova aquisição, tentar desempenhar o seu trabalho com mais velocidade e aumentar um pouco seu rendimento diário. Qual não foi a surpresa da personagem ao chegar na loja e ver que o preço do instrumento tinha subido, não bastasse a frustração, fora humilhado pelos vendedores quando perceberam que não tinha dinheiro para a aquisição. Essa “existência pisada<sup>3</sup>” da personagem João é pesada demais

---

<sup>3</sup> Como tão bem caracterizou a escritora Clarice Lispector ao se referir, em entrevista, a sua emblemática Macabéia, de “A hora da estrela”.

para ele, que ao retornar para casa com sua dignidade ultrajada, decide passar numa fazenda que fora tomada do seu pai numa expropriação violenta ocorrida no passado. Lá, inicia-se um processo de enlouquecimento da personagem que tomada por lembranças do passado, constrói a fantasia que naquela terra em que foi feliz estaria escondida uma riqueza que daria uma vida digna a sua família. A terra que foi palco de uma infância amena começa a ser escavada obstinadamente por aquele homem com seu facão velho e cego. Tamanho é cova aberta, na certeza de que a posse de uma terra seria a única saída daquela sua condição. A narrativa se conclui permitindo ao leitor imaginar que aquele sujeito é engolido pelo seu sonho telúrico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se tudo do escritor da literatura regionalista, menos a neutralidade. O olhar lançado sobre um problema local sempre há de denunciar uma macro questão social. São distintas as conotações dadas à terra, a partir da figura do autóctone e do colono representados por meio da narrativa euclideana, entretanto a grande questão posta em discussão em terreno contraditório e inóspito, tal qual foi a década de 1960 no Brasil, é a má distribuição da terra propalada por meio desta narração e da militância do autor.

Somente um olhar literário sobre a narrativa permite o trânsito pelas diferentes significações que a terra ganha neste contexto. A terra é o espaço do conflito, é o objeto da apropriação para acúmulo de capital, é o que fecunda o alimento, é o próprio alimento, é rota de fuga, é lugar da fixidez, é o meio para ostentação do poder para o grande latifundiário é também o lugar do sustento que engole o homem do campo que dela já não consegue viver, para concordar com o fim da narrativa “Os magros”. E talvez, este fim seja o motivo pelo qual esta narrativa passa pela censura. O aniquilamento do homem é feito pela própria terra, e se em tempos mais insólitos a terra serviu de alimento aos filhos de João, no fim, João, símbolo maior da exploração a qual o trabalhador rural fora por décadas submetido por grandes latifundiários, transforma-se em alimento para a própria terra, na cova cavada num momento que simula o enlouquecimento. João e a terra são uma coisa só, tamanha é a sua fixidez e fixação naquele buraco aberto sob o sol escaldante no qual se encerrará sua trajetória.

A relação homem-terra ganha nesta narrativa dimensões que extrapolam os limites da sobrevivência, o homem sai da condição de usufrutuário da terra para fins alimentares e à terra é

conjugado tal qual alimento, como uma coisa só, num processo de aniquilamento que põe em evidência a terra em detrimento do homem. É a natureza quem sai vitoriosa no embate entre as classes pela posse da terra, numa espécie de confirmação, naquele momento histórico, da impossibilidade do homem do campo ser-lhe superior e vencer a luta pela terra.

Euclides Neto, ao utilizar como mote a luta de classes, se inscreve no rol dos escritores que se tornam universais pelas defesas dos temas também universais. Para além na monocultura do cacau, da pobreza e da miséria do trabalhador sul baiano, da opulência dos grandes latifundiários das roças de cacau, está a denúncia da luta entre o opressor e o oprimido. Apreende-se da sua obra a partir da leitura que propusemos com as lentes do campo disciplinar da geografia, principalmente, a convicção do espaço não apenas como a moradia do sujeito, sobretudo como território em que se produz, se transforma, se constrói e se reconstrói irrestritamente.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura Brasileira: *Origens e Unidade***. VII. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2004.

CORRÊA, R. L. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, I. E. de C.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. DAMIANI, A. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (org.) Novos caminhos da geografia. São Paulo. Ed. Contexto, 2002.

FUENTES, Carlos. **Geografia do Romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 2004.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, nº7, p.67-78, jul/dez, 1999.

LAVIGNE, Eusíbio. **Regionalismo Literário**. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.

MARINHO, Samarone Carvalho. **Um homem, um lugar: geografia da vida e perspectiva ontológica**. 2010, 335p. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo. Ed. Contexto, 2007.

NETO, Euclides. **Os magros**. 4ª Ed. Salvador: EDUFBA. 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo. Ed. Ática, 1993.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo. Ed. Universitária de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço e o cidadão**. São Paulo. Ed. Universitária de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo. Ed. Hucitec, 1978.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. In: Revista Scripta Nova, nº 93, 15 de Julio de 2001. Disponível (<http://www.ub.es/geocrit/sn-93.htm>). Acesso: 25/08/2016.